

TÂMELA GRAFOLIN & FÁBIO GIACOMELLI

tamela.grafolin@ubi.pt; fabio@ubi.pt

LABCOM.IFP, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL

SAÚDE EM DISPOSITIVOS MÓVEIS: UMA ANÁLISE SOBRE AS NARRATIVAS DA APLICAÇÃO MySNS DO SISTEMA NACIONAL DE SAÚDE PORTUGUÊS

RESUMO

A presente pesquisa realiza um comparativo entre as notícias publicadas na aplicação para dispositivos móveis MySNS, lançada em setembro de 2016 pelo Serviço Nacional de Saúde português, e as publicadas no website da própria instituição¹ com o intuito de verificar de que forma a entidade faz uso das ferramentas disponíveis em ambas as plataformas para compor as narrativas e quais as características dos conteúdos. No desenvolvimento da pesquisa utilizamos os conceitos de Fidalgo & Canavilhas (2009), Canavilhas & Satuf (2015) para disponibilização de conteúdo em dispositivos móveis, o conceito de Saúde Móvel (*m-Health*) apresentado por Rocha et al (2016), além da definição de notícias sobre saúde defendida por Lopes, Ruão, Marinho e Araújo (2012). Como metodologia de pesquisa, utiliza-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

PALAVRAS-CHAVE

Saúde; notícias; dispositivos móveis

INTRODUÇÃO

Em pouco mais de duas décadas, a internet reconfigurou o ambiente de produção, circulação e consumo de produções jornalísticas. Sejam elas generalistas ou especializadas, a web tornou-se um grande canal de partilha de informações. E essa metamorfose no modo de comunicar, com uma grande afluência de conteúdos alterou, de certa forma, o modo como as pessoas buscam informação. No que tange as notícias acerca da temática saúde, os motores de busca tornaram-se grandes consultórios e, em uma

¹ Disponível em www.sns.gov.pt

rápida busca, não são poucas as páginas que aparecem como opções para falar sobre prevenções, remédios, sintomas e doenças. Soma-se a isso o acelerado crescimento do mercado dos dispositivos móveis e a facilidade de encontrar aplicações que auxiliam nos cuidados com a saúde. Alguns dispositivos como o iPhone, utilizado para esta pesquisa, já vêm com uma aplicação própria para controle de peso, altura, distância percorrida, nutrição e sono.

As aplicações móveis são softwares nativos, desenvolvidos para smartphones e tablets que buscam, a partir das potencialidades oferecidas por esses dispositivos, criar uma relação de intimidade e ofertar ao utilizador um conteúdo geral ou personalizado a partir de configurações criadas para cada situação. O mercado de aplicações móveis, segundo dados do Portal Statista², apontava que em março de 2017 estavam disponíveis para download 2.8 milhões de aplicativos para o sistema Android e 2.2 milhões na plataforma iOS.

Nesse viés, intenta-se com este estudo, contextualizar como os desenvolvedores da aplicação MySNS, do Serviço Nacional de Saúde de Portugal, buscam informar os utentes, que tipo de serviços estão disponíveis de modo nativo e como desenvolvem-se as narrativas para fortalecer essa relação móvel entre o SNS e quem precisa de informações. Para chegar nesses resultados, conceituamos durante o desenvolvimento do trabalho a relação Internet x Saúde x Utente, o jornalismo em dispositivos móveis e as definições de e-Health (saúde eletrônica) e m-Health (saúde móvel), para sustentar de modo teórico essa análise. O corpus contém 37 notícias que foram selecionadas e analisadas a partir do modelo de semana construída (Riffe, Aust & Lacy, 1993). A coleta aconteceu entre os dias 1 de agosto de 2017 e 2 de outubro de 2017. A técnica resume-se em iniciar a captura de publicações num determinado dia da semana e, na semana seguinte, dar-lhe sequência utilizando o dia posterior, e assim por diante, até que todos os dias sejam analisados. Mesmo que a técnica de semana construída seja, de modo geral, feita em apenas uma semana, utilizamos duas para dar mais consistência à pesquisa, visto que tanto no portal sns.gov.pt quanto na aplicação MySNS não há publicações aos finais de semana.

INTERNET, SAÚDE E AUTONOMIA

Os cuidados com a saúde individual têm envolvido cada vez mais informação e comunicação (Espanha, 2009). Sobre esse aspecto, a

² Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/276623/number-of-apps-available-in-leading-app-stores/>

informação sobre saúde surge de diversas fontes e em diversos meios e esse fluxo de conteúdo faz com que o indivíduo torne-se progressivamente responsável pela própria saúde. O desenvolvimento da autonomia das pessoas, principalmente na área da saúde, teve grande impacto da incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Espanha (2009) defende que a elevada difusão e circulação de informações, provocada pelo desenvolvimento das TIC, é uma das características da sociedade moderna, o que Castells (2002) descreve como Sociedade em Rede. Na proposta de Castells, as tecnologias de informação e comunicação não só aumentam o volume de conteúdos disponíveis, mas alteram a organização social e as estruturas de base de uma sociedade. Espanha complementa:

as tecnologias de informação e comunicação e as redes que elas geram expressam as tendências do processo de globalização e a reconfiguração do tempo e do espaço. Através da Internet – a tecnologia de informação e comunicação mais revolucionária das sociedades contemporâneas – vivemos a experiência de poder circular num espaço-tempo virtual, que nos permite a possibilidade de conhecer novas maneiras de fazer, de ser e viver no mundo actual, provocando alterações de fundo em todas as esferas da acção humana. (Espanha, 2009, p. 1)

Castells, Fernandez-Ardevol, Qiu e Sey (2004) avançam sobre o conceito de sociedade em rede e dentro deste, desenvolvem o conceito de “sociedade da comunicação móvel” (*mobile communication society*) oriundo do surgimento e expansão dos meios de comunicação móveis, especialmente os telefones. Para os autores, a tecnologia de comunicação sem fios (*wireless communication technology*) permitiu o desenvolvimento de uma comunicação multimodal de qualquer lugar para qualquer lugar com uma infraestrutura apropriada (Castells et al, 2004, p. 1). Embora a comunicação móvel se tenha desenvolvido de maneira diferente em cada país do mundo, como observaram Castells e seus colegas no estudo de 2004, com cada sociedade levando para a comunicação móvel práticas adotadas na comunicação interpessoal presencial e física, o que é um denominador comum é a relação entre as TIC e o desenvolvimento da autonomia do indivíduo. É justamente com a ampliação da autonomia que ocorre a maior colaboração da internet na área da saúde. Espanha (2009) salienta que

o uso da Internet por um público geral no âmbito da saúde é normalmente inscrito no seio da noção de ‘paciente informado’, que se desenvolveria através da aquisição de

informação e o associado declínio da relação assimétrica entre médico e paciente. (Espanha, 2009, p. 76)

Além da relação do paciente para com a própria saúde, a internet também alterou a estrutura de trabalho da medicina, e demais áreas de cuidado com a saúde, com o surgimento das práticas de Saúde Eletrônica (*e-Health*) e nos últimos anos também as práticas de Saúde Móvel (*m-Health*).

Porém, o surgimento de novos meios de divulgação e produção de informação sobre saúde não é sinônimo de aumento da qualidade dos conteúdos produzidos. Lopes, Ruão, Marinho e Araújo (2012) apontam que o “processo de produção informativa, que envolve meios de comunicação social, organizações e indivíduos, é considerado frágil e pouco preparado para responder às necessidades da sociedade” (Lopes et al, 2012, p. 129). Essa fragilidade é consequência da sensível relação entre produtores de conteúdo, fontes de informação e consumidores. Isolados em suas áreas de atuação, o conteúdo produzido por setores que não interagem torna-se incompleto e fora de contexto. Atuando de forma conjunta, como se tem verificado ao longo dos últimos anos, com o desenvolvimento da comunicação estratégica em organizações da área e o empoderamento dos cidadãos em matéria de comunicação e saúde, esses setores contribuem para a revolução do sistema de cuidados de saúde (Lopes et al, 2012, p. 131).

SAÚDE MÓVEL (*M-HEALTH*)

O uso de dispositivos móveis é um hábito que modificou o comportamento das pessoas de um modo geral na última década, em especial o comportamento do paciente/utente em relação às fontes de informação sobre saúde. Duque, Mamede e Morgado (2017, s. p.) destacam que as iniciativas de cuidado com a saúde estão “a alinhar-se com as necessidades e hábitos do paciente moderno”, tanto que a Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão máximo no que tange sobre saúde a nível mundial, adota desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 o conceito de Saúde Eletrônica (*Electronic Health*) e mais tarde o de Saúde Móvel (*Mobile Health*). O termo Saúde Eletrônica (ou *e-Health*) surgiu ainda nos anos 1990 com influência dos conceitos e desafios lançados pela internet na área da economia (*e-commerce*, *e-business*) e do marketing (Eisenbach, 2001), mas foi somente depois do ano 2000 que passou a ser utilizado também pelos profissionais da saúde e na academia da área. Eisenbach (2001) define o

conceito de saúde eletrônica como um campo de interseção entre a informática médica, saúde pública e economia. O autor ainda complementa:

em um sentido mais amplo, o termo caracteriza não só um desenvolvimento técnico, mas também um estado de espírito, uma forma de pensar, uma atitude e um compromisso para o pensamento global em rede, para melhorar os cuidados de saúde a nível local, regional e mundial utilizando tecnologias de informação e comunicação. (Eisenbach, 2001, s.p.)

Já a OMS adota uma definição mais resumida, considerando a saúde eletrônica como a utilização de informações e de tecnologias da comunicação para oferta e melhoria nos cuidados com a saúde. Dentro do campo da saúde eletrônica há um ramo que faz uso das tecnologias de computação e comunicação móveis nos cuidados com a saúde e na prestação de serviços na saúde pública, este ramo é o da saúde móvel. Rocha et al. (2016) defendem que o conceito de *m-Health* pode ser entendido como “oferta de serviços médicos e/ou de Saúde Pública que se valem do apoio tecnológico de dispositivos móveis, como telefones celulares, sensores e outros equipamentos vestíveis” (Rocha et al, 2016, p. 160). Os serviços permitidos pela saúde móvel envolvem o suporte telefônico para o cuidado com a saúde, serviços telefônicos de emergência, acompanhamento de tratamentos, lembretes de compromissos, ações de promoção de saúde, campanhas de educação em saúde, telemedicina móvel, atendimento de emergência, vigilância e monitoramento epidemiológico, monitoramento de pacientes, disseminação de informações, sistemas de apoio à tomada de decisão e novas formas de armazenamento de dados dos pacientes (Rocha et al., 2016). Duque, Mamede e Morgado (2017) apresentam ainda uma categorização dos serviços prestados pela tecnologia *m-Health*. Para os autores a saúde móvel pode ser dividida em 13 categorias: 1) educação e promoção de comportamentos saudáveis; 2) sensores e diagnóstico *point-of-care* (PoC); 3) monitorização e vigilância da saúde; 4) registro de saúde eletrónico (RSE); 5) formação/educação de prestadores de cuidado de saúde; 6) gestão de recursos humanos; 7) gestão de stocks; 8) transações financeiras e incentivos; 9) comunicação/colaboração entre prestadores de cuidado de saúde; 10) linhas de apoio; 11) saúde pública; 12) prescrição eletrónica e 13) comunicação entre prestador/paciente.

JORNALISMO E DISPOSITIVOS MÓVEIS

Em pouco mais de duas décadas, a Internet reconfigurou o ambiente de produção, circulação e consumo de notícias. Depois dos computadores ligados à rede, foram os dispositivos móveis segundo Canavilhas (2015) os responsáveis por uma grande mudança no ecossistema midiático. E isso deve-se à popularização deste tipo de aparelho. Fidalgo e Canavilhas (2009), ressaltam que o telefone celular deixou de ser um acessório de luxo para se tornar algo indispensável para a comunicação de todas as classes sociais. Fato esse, que pode ser alicerçado, ainda, na pesquisa³ da consultoria Gartner, que revela que no primeiro trimestre de 2017 foram vendidos cerca de 380 milhões de smartphones ao redor do mundo, um número 9,1% maior que em 2016.

Antes que falemos especificamente do Jornalismo para Dispositivos Móveis, cabe pontuar que, por partilhar o mesmo meio de distribuição, que é a internet, webjornalismo e JDM se assemelham em suas características e diferenciam-se em algumas particularidades a partir da miniaturização das telas. No webjornalismo há sete características apontadas por Canavilhas (2014) e que marcam as potencialidades desse meio: hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização ou customização de conteúdo, memória, instantaneidade e ubiquidade. Tanto o webjornalismo quanto o JDM podem valer-se dessas características para qualificar suas produções.

No que tange a uma definição acerca do Jornalismo para Dispositivos Móveis, Satuf (2015, p. 444) diz ser uma soma de “práticas de produção, edição, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos em dispositivos portáteis digitais que agregam conexão ubíqua, conteúdos por demanda adaptados ao contexto do usuário e integração de múltiplos formatos midiáticos”. Tal visão é partilhada por Giacomelli (2016, p. 43), que diz que leitores do jornal em papel, ouvintes da rádio e espectadores de televisão abandonaram a ideia de um consumo estático da informação com horários limitados e pré-definidos, para ter acesso a informação na palma da mão, quando e onde quiserem.

Nesse sentido, de consumir conteúdos em mobilidade, Satuf (2015) ressalta que o JDM deve ter atenção a algumas especificidades, como o espaço reduzido da tela dos dispositivos e a maneira como os usuários consomem essas notícias, por isso quem produz conteúdo noticioso para smartphones e tablets, deve pensar em algo leve e propício para esse ambiente.

³ Disponível em <http://www.gartner.com/newsroom/id/3725117>

Dentro dessa conceituação, fases do jornalismo em dispositivos móveis são pontuadas por Canavilhas (2009). O pesquisador aponta que no princípio viveu-se um período de adaptação, onde as produções eram pensadas para acesso em velocidades reduzidas e com interfaces pouco intuitivas. Depois, passou-se por um período de autonomia, onde foram desenvolvidas as primeiras produções específicas para dispositivos móveis. Por fim, o pesquisador aponta uma terceira fase, de emancipação, onde esses softwares específicos aproveitam a qualificação das redes 3G e desenvolvem produtos com versões rápidas, com conteúdos multimídia e com possibilidade de explorar a interatividade do utilizador afim de consolidar esse jornalismo em mobilidade. Satuf (2015), reforça, depois dessa divisão, que já se debate um estágio de consolidação, vindo da solidificação das redes 4G e um começo de popularização dos *wereables* (mídias-vestíveis), como os relógios inteligentes.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DISPONÍVEL NO PORTAL SNS.GOV.PT E DA APLICAÇÃO *MySNS*

O portal na Internet do Serviço Nacional de Saúde português – www.sns.gov.pt – foi lançado no dia 1 de fevereiro de 2016 com o objetivo de ser “uma ferramenta agregadora de toda a informação de saúde e disponibilizando um vasto conjunto de serviços”⁴. O portal do SNS em pouco mais de um ano de existência contabilizou cerca de cinco milhões de acessos. Com intuito de “acompanhar o progresso tecnológico”, em setembro de 2016 o Serviço Nacional de Saúde lançou a aplicação MySNS, que mais tarde se tornaria a primeira de uma “família” de apps do SNS com as aplicações MySNS Carteira e MySNS Tempos. A app MySNS é descrita pelo órgão como uma “aplicação móvel que permite aceder, de forma fácil e intuitiva, aos serviços digitais da saúde nos dispositivos móveis”⁵ e que dá acesso às notícias do Serviço Nacional de Saúde, assim como informações úteis para os usuários dos serviços de saúde e o recebimento de notificações de saúde pública. A aplicação que está disponível para download nas versões para iOS e Android, até o mês de setembro de 2017 havia sido adquirida por mais de 65 mil pessoas.

Para análise dos conteúdos disponíveis tanto no portal quanto na aplicação, utilizamos o método da análise de conteúdo proposto por Bardin

⁴ Apresentação e descrição da plataforma feita na página “Sobre” do website do Serviço Nacional de Saúde. <https://www.sns.gov.pt/home/sobre-o-site/>

⁵ Informação disponível em <https://www.sns.gov.pt/2016/09/15/mysns-a-app-para-o-cidadao/>

(1977), com base na frequência de aparição de certos elementos da mensagem. Conforme Bardin, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1977, p. 38). O método será aplicado ao corpus da pesquisa formado por 37 notícias selecionadas a partir da técnica da semana construída (Riffe, Aust & Lacy, 1993). A coleta aconteceu entre os dias 1 de agosto de 2017 e 2 de outubro de 2017. A técnica resume-se em iniciar a captura de publicações num determinado dia da semana e, na semana seguinte, dar-lhe sequência utilizando o dia posterior, e assim por diante, até que todos os dias sejam analisados. Mesmo que a técnica de semana construída seja, de modo geral, feita em apenas uma semana, utilizamos duas para dar mais consistência à pesquisa, visto que tanto no portal sns.gov.pt quanto na aplicação MySNS não há publicações aos fins de semana.

De forma inicial, para contemplar um dos objetivos propostos com esse estudo, fez-se uma análise comparativa das publicações do portal e da aplicação tendo em consideração o conteúdo do texto, presença de imagens, presença de hiperlinks e de que forma estão expostos, ícones para compartilhamento por e-mail e/ou redes sociais digitais. Através da análise destes elementos, verificou-se que as notícias disponíveis em uma plataforma também eram igualmente disponibilizadas na outra. De modo mais específico, pode-se apontar pequenas diferenças nas publicações, entre as plataformas escolhidas, em seis das 37 notícias analisadas, como podemos exemplificar com a Figura 1:

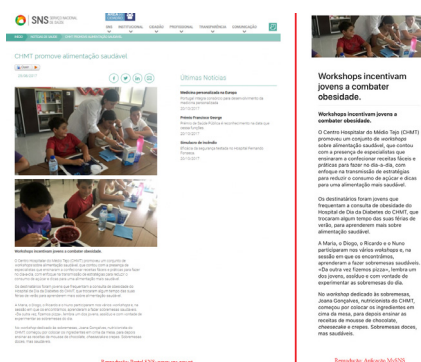


Figura 1: Exemplo de uma das notícias que apresentam pequenas diferenças entre Portal e Aplicação. Neste caso, apenas uma imagem é adicionada ao Portal

Fonte: Portal SNS e Aplicação MySNS

Dessas publicações, foi no portal que sempre encontramos algum elemento adicional em relação à aplicação. Porém, a diferença não oferecia perdas para o utilizador, visto que esse elemento adicional encontrado no portal era apenas um *hiperlink* a mais ou alguma opção extra de imagem ilustrativa do acontecimento em relação ao oferecido na narrativa do MySNS. Assim, cabe apontar que o Portal SNS não aproveita o conjunto de características disponíveis na *web* e que são marcas de diferenciação para outras produções. Isso caracteriza-se pela pouca exploração dos recursos de *hiperlinks* dentro do texto, onde o conteúdo multimídia limita-se a texto e foto, algo registrado ainda nas primeiras gerações do webjornalismo. A interatividade fica apenas na possibilidade de compartilhar as publicações em redes sociais digitais, sendo que estas não oferecem espaços para comentários e também não há possibilidade de personalizar o conteúdo.

Por outro lado, destaca-se a boa memória do portal, com fácil acesso a publicações passadas e também a ubiquidade pois as produções do SNS podem ser acessadas em qualquer lugar, visto que há chance de consumir as notícias no portal, no site móvel e também na aplicação. Já quando a análise é feita em cima dos períodos que classificam o Jornalismo em Dispositivos Móveis, podemos atestar que, dentre o conjunto de notícias escolhidas para compor esse corpus, elas classificam-se em um misto entre os períodos de autonomia e emancipação.

A aplicação MySNS também não utiliza a maior parte dos recursos que uma *app* possui. Os serviços apresentados, de uma forma geral, enquadram-se em três das 13 categorias apresentadas por Duque, Mamede e Morgado (2017). O conteúdo refere as categorias Monitorização e Vigilância, pois o utente pode acessar seus dados através de um dos ícones presentes no menu lateral e utilizando o seu número de registro no Serviço Nacional de Saúde. Também enquadra-se na categoria Linhas de Apoio, pois oferece um ícone específico para o serviço SNS24 – linha de contato telefónico do Serviço Nacional de Saúde – que realiza a chamada ao pressionar o ícone com o número. Configura também um serviço que faz parte da categoria Saúde Pública, possuindo informações sobre calendarização de vacinas, notícias importantes para o utente, campanhas realizadas pelo Governo, entre outros.

CONCLUSÃO

Através da categorização utilizada na presente pesquisa, referente aos períodos do jornalismo para dispositivos móveis e aos serviços

prestados por um dispositivo para saúde móvel (*m-Health*), verificou-se que a aplicação MySNS constitui um projeto que tem como intuito facilitar o acesso ao conteúdo do portal sns.gov.pt. No entanto, com essa proposta a aplicação torna-se limitada e com um conteúdo aquém do que uma aplicação pode oferecer. As notícias na aplicação têm menos imagens do que no portal, assim como não possuem ícones de partilha e a acessibilidade presente nas notícias do website. Recursos esses que podem ser acessados por esses dispositivos nos websites móveis, tornando as notícias presentes na aplicação um produto obsoleto em relação às outras plataformas do mesmo serviço.

Os dispositivos móveis possuem recursos próprios, alguns utilizados pela aplicação citada, porém falta que se produza com especificidade para essa plataforma, já que as publicações feitas pelos produtores de conteúdo e disponibilizadas na aplicação MySNS são as mesmas do website, com textos longos, poucos recursos multimidiáticos e uma leitura difícil em uma tela miniaturizada.

Em contrapartida, destacamos uma particularidade dos dispositivos móveis que pode ser encontrada na aplicação MySNS: a geolocalização. A partir deste recurso, o utilizador consegue verificar quais as farmácias, hospitais e centros de saúde mais próximos da sua localização atual. Dessa forma, entende-se que a aplicação está dando passos rumo à utilização das potencialidades móveis e que se continuar a atualizar e oferecer mais serviços para os utentes, certamente será um serviço de destaque a nível nacional.

BIBLIOGRAFIA

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa.
- Canavilhas, J. (2015). Nuevos medios, nuevo ecosistema. *El profesional de la información*, 24(4), 357-362. DOI: 10.3145/epi.2015.jul.01
- Canavilhas, J. (2014). Webjornalismo: sete características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom. Retirado de http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf
- Canavilhas, J. (2009). Contenidos informativos para móviles: estudio de aplicaciones para iPhone. *Revista Textual & Visual Media*, 2, 61-80. Retirado de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/684/1/canavilhas-j-contentidos-informativos-para-moviles.pdf>

- Castells, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- Castells, M., Fernandez-Ardevol, M., Qiu, J. L. & Sey, A. (2004). *The Mobile Communication Society*. A cross-cultural analysis of available evidence on the social uses of wireless communication technology. California: USC. Retirado de <http://hack.tion.free.fr/textes/MobileCommunicationSociety.pdf>
- Duque, C., Mamede, J. & Morgado, L. (2017, junho). *Iniciativas de mHealth em Portugal*. Comunicação apresentada à CISTI'2017 - 12ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, Lisboa, Portugal. Retirado de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6621>
- Eisenbach, G. (2001), What is e-health? *Journal of Medical Internet Research*, 3(2), 1-2. DOI: 10.2196/jmir.3.2.e20
- Espanha, R. (2009), *Saúde e Comunicação numa Sociedade em Rede - o caso português*. Lisboa: Monitor.
- Fidalgo, A. & Canavilhas, J. (2009). Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. In C. Rodrigues (Ed.), *Jornalismo On-Line: modos de fazer* (pp. 99-117). Rio de Janeiro: Editora Sulina.
- Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S. & Araújo, R. (2012). A saúde em notícia entre 2008 e 2010: retratos do que a imprensa portuguesa mostrou. *Comunicação e Sociedade*, número especial, 129-170.
- Riffe, D., Aust, C. F. & Lacy, S. R. (1993). The effectiveness of random, consecutive day and constructed week sampling in newspaper content analysis. *Journalism Quarterly*, 70(1), 133-139. DOI: 10.1177/107769909307000115
- Rocha, T., Fachini, L. A., Thumé, E., Silva, N. C., Barbosa, A., Carmo, M. do & Rodrigues, J. M. (2016). Saúde Móvel: novas perspectivas para a oferta de serviços em saúde. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(1), 159-170. DOI: 10.5123/S1679-49742016000100016
- Satuf, I (2015). Jornalismo móvel: da prática à investigação académica. In J. Canavilhas & I. Satuf (Eds.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo* (pp. 441 - 468). Covilhã: Livros LabCom. Retirado de http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150622-201515_jdm_jcanavilhas.pdf
- World Health Organization (2011). *mHealth New horizons for health through mobile technologies: Based on the findings of the second global survey on eHealth*. Retirado de http://www.who.int/goe/publications/goe_mhealth_web.pdf

Citação:

Grafolin, T. & Giacomelli, F. (2019). Saúde em dispositivos móveis: uma análise sobre as narrativas da aplicação MySNS do Sistema Nacional de Saúde português. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 554-564). Braga: CECS.